

## PE-061 - ACOMPANHAMENTO EM VISITA DOMICILIAR POR ESTUDANTES DE MEDICINA DE UM BEBÊ COM RISCO DE AUTOMEDICAÇÃO: RELATO DE CASO

Giseli Costella<sup>1</sup>, Vivian Pena Della Mea<sup>1</sup>, Carmen Nudelmann<sup>1</sup>

1 - Universidade Luterana do Brasil, ULBRA.

**Introdução:** Estudantes de medicina na disciplina de Medicina de Família I – ULBRA acompanharam em visita domiciliar um bebê com risco de automedicação pela mãe. Conforme o Sistema Nacional de Informações Tóxicas Farmacológicas, crianças menores de cinco anos representam 29% dos casos de intoxicação medicamentosa no Brasil. Segundo o Ministério da Saúde, a automedicação baseada em sites da internet, em ideias do cuidador é um risco, pois a criança tem um organismo mais propenso à intoxicação e reações alérgicas. **Objetivo:** O objetivo deste trabalho foi orientar os pais que se baseiam nas próprias convicções e não buscam orientação especializada para cuidar da saúde do filho, sobre os riscos da automedicação. **Relato de caso:** Família visitada formada pela mãe T.F.K., 36 anos, dona de casa, evangélica, ensino médio incompleto, pai D.K., 38 anos, motoboy, evangélico, ensino superior incompleto, bebê H.F.K., três meses. Após dez anos juntos, planejaram seu primeiro filho. Houve dificuldade para engravidar, esperando cinco anos por inseminação artificial, acabou engravidando naturalmente. O relacionamento dos pais com o bebê mostra superproteção. O bebê fica muito no colo, à noite dorme na cama dos pais, mesmo tendo seu berço. A busca na Internet por informações relacionadas à saúde do bebê é repetitiva, não é caso isolado, fazendo parte da cultura familiar, acarretando em automedicação. Exemplificando, o bebê apresenta dificuldades para respirar, os pais, após pesquisar na Internet, utilizam descongestionantes, sem orientação médica. As ações das estudantes foram alertar e orientar os pais sobre o risco da automedicação. **Considerações finais:** A orientação aos pais, com relação ao risco de automedicação dos filhos, os estudantes de medicina em visitas domiciliares são de grande valia, visto que o uso de um tratamento não monitorado por um profissional, poderá levar a piora dos sintomas e até mesmo a danos irreversíveis para saúde da criança.

## PE-062 - PERFIL EPIDEMIOLÓGICO DE ÓBITOS INFANTIS DECORRENTES DE AGRESSÕES NO BRASIL ENTRE 2010 E 2019

Marcela Menezes Teixeira<sup>1</sup>, Laura Fogaça Pasa<sup>1</sup>, Catarina Roos Mariano da Rocha<sup>1</sup>, Laura Couto Cosner<sup>1</sup>, Rafaela Fernandes Pulice<sup>1</sup>, Stephan Kunz<sup>1</sup>, Cristiano do Amaral de Leon<sup>1</sup>

1 - Universidade Luterana do Brasil, ULBRA.

**Introdução:** Os óbitos por agressão infantil são um problema de saúde pública, sendo que, no Brasil, um país multicultural, certos modos de vida podem contribuir com esse desfecho. Sendo assim, planos de prevenção e de combate à violência precisam abranger essa pluralidade, tendo como base os perfis epidemiológicos. **Objetivo:** Avaliar as taxas de óbitos infantis por agressões físicas no Brasil entre 2010 e 2019. **Metodologia:** Estudo descritivo documental com coleta de dados referentes às patologias de CID-10 X85 a Y09 no Brasil por meio do Sistema de Informações sobre Mortalidade, disponíveis pelo Departamento de Informações do Sistema Único de Saúde. **Discussão e Resultados:** Foram documentados 1.017 óbitos infantis decorrentes de agressões físicas durante o período estudado. Desde 2017 houve uma queda no número de óbitos por ano, sendo que 2013 registrou o maior número (n=152). A região Norte obteve o maior percentual de óbitos (84,05%). Os óbitos ocorreram majoritariamente em indígenas (32,84%), com idade entre 28 a 364 dias (47,68%) e do sexo masculino (53,98%). As principais causas de mortes foram as agressões por meios não especificados (36,38%), por estrangulamento, sufocamento ou enforcamento (11,20%) e por outras síndromes de maus tratos (10,12%). A maioria dos óbitos ocorreu no próprio domicílio (45,13%). Os resultados encontrados podem ter relação com o fato de que o maior percentual da população indígena do Brasil (37,39%) está na região Norte e, uma vez que o infanticídio é uma prática cultural entre algumas tribos indígenas, pode ter ocorrido uma repercussão nos óbitos na região. **Conclusão:** A ocorrência dos óbitos em domicílio pode se relacionar com a fragmentação do registro de situações de violência familiar. Além disso, o debate acerca do infanticídio indígena é delicado e requer um diálogo intercultural com intervenções direcionadas para tal população.